

A DIALÉTICA DA CIBERCULTURA: DA SEMIFORMAÇÃO À RESITÊNCIA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Felipe Araujo Fernandes¹
felipearaujo.fernandes87@gmail.com

AT19: Tecnologias e educação

Introdução: O estudo investiga as implicações antropológicas da cibercultura, compreendendo-a como um novo *ethos* que reconfigura a subjetividade e a educação. No cerne da questão está a tensão entre o avanço técnico e a *Bildung* (formação cultural), que, a partir de Theodor Adorno, observa-se que a cibercultura pode promover uma “semiformação” (*Halbbildung*), onde a rapidez da informação substitui a densidade da experiência viva. Essa onipresença digital arrisca converter-se em um mecanismo de reificação e consciência coisificada, que adere passivamente aos dados sem o crivo da reflexão crítica. Sem mediação, a avalanche informativa gera apenas uma ilusão de acesso afetivo, operando como um cenário fértil para a superficialidade e a desinformação. **Objetivo:** Analisar como a educação, e especificamente o ensino de filosofia, pode impedir que a técnica se torne um fim em si mesma, evitando que a barbárie se manifeste sob roupagens tecnológicas. Busca-se compreender o papel dos educadores na promoção de um acesso à cultura que seja consciente, autônomo e crítico, superando a mera adaptação instrumental ao sistema. **Metodologia:** A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada na Teoria Crítica de Adorno e na sociologia de Pierre Bourdieu. Articula conceitos como a “indústria cultural” e a “semiformação” para diagnosticar a crise da formação atual. A análise aprofunda-se nas estruturas de poder do ciberespaço, utilizando o aporte de Bourdieu para desvelar como o *habitus* e o capital cultural determinam a capacidade de navegação crítica, transpondo hierarquias sociais para o ambiente virtual. **Resultados:** Identificou-se que a suposta horizontalidade da rede mascara formas persistentes de violência simbólica, onde o acesso técnico não garante emancipação sem os códigos dominantes para converter informação em conhecimento legítimo. A questão do acesso à educação revela-se não apenas pedagógica, mas político-econômica, visto que a propriedade privada dos meios de produção cultural determina a relação do sujeito com o saber. A semiformação apresenta-se como o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria, exigindo uma escola que foque na desconstrução de mecanismos algorítmicos de dominação. **Conclusão:** A educação deve apropriar-se da inteligência coletiva como um “ateliê de experiência” que desenvolva a autonomia e a criticidade, transformando a sala de aula em um espaço de experimentação frente aos clichês digitais e as tendências do algoritmo. O ensino deve posicionar-se como o ato de criar ferramentas conceituais que permitam ao estudante não ser um mero usuário passivo para tornar-se um artífice de novos sentidos, um criador. A superação do caráter instrumental da técnica só é possível através de uma práxis que valorize a reflexão radical e a resistência intelectual contra a mecanização da existência. Nisso, a aula de filosofia tem papel fundamental a cumprir.

Palavras-chave: Autonomia; Cultura; Emancipação, Filosofia; Semiformação.